

Bulletin de Français Instrumental (1988-1991) e a legitimação do francês no campo universitário

Marcella dos Santos Abreu

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
magalache@usp.br

<http://orcid.org/0000-0003-1293-4786>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i2.1932>

Resumo

O *Bulletin de Français Instrumental* (1988-1991) teve como núcleo editorial o Departamento de Francês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em momento crucial da oferta de cursos de leitura instrumental de textos em francês nas universidades brasileiras. Tratava-se de um material de difusão dessas formações, bem como de integração dos pesquisadores da área no Brasil. Por meio da análise temática dos artigos do *Bulletin*, nosso intuito é destacar a leitura como mediadora do processo de legitimação de uma disciplina, nesse caso, da língua francesa no campo universitário. Além desse destaque, será possível, por fim, vislumbrar que a atuação do grupo de colaboradores daquela publicação foi a de precursores de outras experiências dessa língua no meio acadêmico, como o recente *Français sur Objectif Universitaire* (FOU).

Palavras-chave: francês instrumental; leitura em língua estrangeira; campo universitário.

Bulletin de Français Instrumental (1988-1991) et la légitimation du français dans le champ universitaire

Résumé

Le *Bulletin de Français Instrumental* (1988-1991) a eu son noyau éditorial au sein du Département de Français de la Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), à un moment très important pour les cours de lecture instrumentale de textes en français dans les universités brésiliennes. Il s'agissait d'un matériel de diffusion de ces formations et aussi d'intégration des chercheurs du domaine au Brésil. À partir de l'analyse thématique des articles du *Bulletin*, notre intention est de mettre en relief le rôle de la lecture comme médiatrice dans le processus de légitimation d'une discipline, à ce cas-là, de la langue française dans le champ universitaire. Au-delà de cette discussion, il sera possible, à la fin, d'envisager que le rôle du groupe de collaborateurs de la publication a été celui de précurseurs des expériences de cette langue dans le milieu académique, en ayant comme exemple le récent *Français sur Objectif Universitaire* (FOU).

Mots-clés: français instrumental; lecture en langue étrangère; champ universitaire.

Antecedentes e condições de produção do *Bulletin de Français Instrumental* (1988-1991)

Antes de examinarmos o *Bulletin de Français Instrumental*, periódico que julgamos importante para a compreensão da leitura como mediadora do processo de legitimação do francês no campo universitário, destacaremos o I Encontro Nacional de Francês Instrumental, que ocorreu entre 10 e 12 de setembro de 1986, na Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Como resultado das reflexões desse evento, foi publicada a coletânea de artigos *Ensino Instrumental de Línguas*, o número 26, da série Cadernos da PUC-SP.

Na apresentação a esse caderno, Maria José Rodrigues Faria Coracini, então chefe do Departamento de Francês da PUC-SP, menciona a trajetória até aquele momento de 12 anos do ensino instrumental de línguas em vários estados do país, o que justificaria a necessidade de um evento para o confronto e a análise de diferentes interpretações do método (CORACINI, 1987).

Desse modo, considerando o período inicial de indecisão de rumos e de linhas teóricas para o desenvolvimento dos estudos sobre o ensino instrumental no Brasil, o propósito da referida publicação seria o de reunir artigos que representavam o estado da arte e o enriquecimento da área,

[...] pelas contribuições da análise do discurso e da Linguística do texto (no que diz respeito ao material a ser trabalhado), bem como da abordagem comunicativa de línguas ou metodologia funcional, que lhe imprimiram, sem dúvida alguma, um caráter teórico-prático, definindo princípios, metas e comportamentos. Há que lembrar ainda as contribuições recentes da psicologia cognitivista no que concerne à atividade mental do leitor, definindo com dados substantivos a leitura como processo cognitivo. (CORACINI, 1987, p. 7).

Ainda segundo Coracini (1987), aquele caderno foi organizado de modo a promover dois momentos de reflexão: na primeira parte, quatro artigos introdutórios que contribuiriam para o aporte teórico dos demais. Estes, por sua vez, são apresentados na segunda parte, caracterizada pelos trabalhos baseados em experiências pedagógicas na Universidade e no então intitulado 1º grau.

Nessa organização, notamos que, embora o título aponte para o ensino de línguas instrumental de modo geral, há predominância de trabalhos escritos em francês e de relatos de experiência relacionados à leitura instrumental de textos nessa mesma língua. Dentre os quinze artigos publicados, apenas dois se referem a idiomas diferentes naquela área, a saber, o alemão e o português.

Tal escolha nos leva a supor que o movimento já delimitado nesse volume da série Cadernos PUC-SP seria o da legitimação da língua francesa no campo universitário, por meio de um jogo de forças no qual a publicação de trabalhos sobre o ensino de Francês Instrumental (doravante FI) era crucial naquele momento. Essa hipótese e o bojo das análises que realizamos sobre os números do *Bulletin* procuram dialogar com as considerações expostas por Pierre Bourdieu (1983) sobre a luta, os objetos de disputa e o funcionamento dos campos, particularmente, do campo científico.

Notamos que a publicação de um caderno da PUC, bem como de um periódico dedicado exclusivamente a trabalhos sobre o Francês Instrumental, indica a entrada da disciplina nas disputas do campo acadêmico, por meio do investimento de pessoas que se dispõem a assumir o *habitus* dos grupos já inseridos nessa luta: o da produção de artigos e de materiais para o trabalho dos demais professores dedicados, nesse caso particular, ao ensino da leitura de textos acadêmicos em francês no Brasil.

Apresentados os seus antecedentes, situamos o *Bulletin de Français Instrumental*, que vem à luz em abril de 1988, como ideia já gestada naquele Encontro de 1986, do qual

resultou o mencionado caderno da PUC-SP. Foi apenas após as deliberações de uma reunião entre especialistas de FI, realizada em novembro de 1987, na Universidade de Campinas, que tal desejo se concretizou.

No editorial do primeiro número do *Bulletin*, Coracini (1988) apresenta-se como responsável pela articulação entre os colegas interessados em contribuir para esse periódico, que surgia da necessidade de um suporte para a comunicação entre os professores envolvidos com o ensino de FI. Esse seria o primeiro passo para o que chama de integração nacional entre os especialistas da área.

Tal periódico teria se tornado possível por meio do apoio financeiro do *Bureau d'Action Linguistique* – B.A.L, uma secretaria do Consulado da França em São Paulo. Pela necessidade de aproveitar a oportunidade do financiamento, Coracini justifica a limitação nesse primeiro número a colaborações de universidades do estado de São Paulo (embora só estejam representadas a própria PUC da capital e a Universidade de Santos).

Também no primeiro *Bulletin* da série ocorre o estabelecimento da periodicidade da publicação (bimestral), bem como das regras para a submissão (máximo de cinco páginas datilografadas em português ou em francês), do endereço (o da PUC-SP) e da responsável pela recepção dos artigos (a própria Maria José Coracini). Em seguida, são apresentados os objetivos do periódico: propor a troca de experiências locais sobre o ensino de leitura, a comunicação sobre eventos, reuniões, bibliografias, bem como pesquisas finalizadas ou em andamento e, principalmente:

Pôr em comum, numa linguagem despretensiosa, experiências pedagógicas e reflexões teóricas sobre o ensino-aprendizagem da leitura em língua estrangeira, e suas relações ou não com a língua materna; ainda nessa perspectiva, pode ser interessante a apresentação de resenhas de livros, de preferência recentes ou menos conhecidos. (CORACINI, 1988, p. 2).

É importante notar nessas intenções a abertura para o aceite de contribuições sobre leitura em língua estrangeira de modo *lato*, embora o boletim esteja investido, no título e no financiamento, do poder de grupos que representam interesses da língua francesa em São Paulo: o já mencionado Departamento de Francês da PUC e o Consulado Geral da França. Além disso, a ênfase sobre a *mise en commun* de experiências e de pesquisas relacionadas ao FI poderia ser interpretada como esforço para indicar o *habitus* que se reconheceria, a partir de então, entre os profissionais dedicados ao ensino e à pesquisa dessa especialidade no Brasil.

No primeiro número, antes desses relatos de práticas e de investigações teóricas sobre o modo como poderiam atuar, sobretudo no campo universitário, os professores e pesquisadores de FI, flagramos o relatório da reunião entre especialistas de Francês Instrumental da UNICAMP, no qual consta a decisão da criação do *Bulletin*. Foi Marc Souchon, então leitor francês na Universidade de Brasília, quem apresentou o relatório. É por meio da leitura desse documento que compreendemos o *status* do periódico como um *bulletin de liaison*, uma publicação quadrimestral fotocopiada de, em média, 30 páginas, por isso viável financeiramente. Outro aspecto que se destaca das reflexões do grupo: o boletim a ser criado não deveria ser equiparado à configuração de outra revista

de maior abrangência outrora publicada entre os professores universitários de francês: a *Elos*¹.

Ainda segundo o relatório, deveria ser criada uma estrutura que fizesse o elo e que, ao mesmo tempo, centralizasse todas as informações sobre o FI no Brasil (ações de cada Universidade, bem como materiais existentes). Recomendava-se o estabelecimento do contato entre diversas equipes, centros de documentação, bem como entre outros grupos de pesquisa na América Latina e na França. Segundo o relato de Marc Souchon (1988), a publicação de um *bulletin de liaison* também se apresentava com uma recomendação a essa estrutura, que se sustentaria na PUC-SP pelo fácil acesso ao grupo dessa instituição naquele momento já engajado na área de ensino de inglês instrumental.

Outro argumento de destaque para a alocação do núcleo estruturante do *Bulletin* em São Paulo é o que se refere ao aprofundamento das discussões sobre a integração dessa área com o ensino secundário: “[...] assegurar o contato entre as diversas equipes, trabalhando no domínio do FI (o problema da extensão ao 2º grau deve fazer parte de uma discussão mais aprofundada).”² (SOUCHON, 1988, p. 6, tradução nossa).

Tal menção é relevante, sobretudo no contexto da supressão da língua francesa da educação básica a partir dos anos 70. Há um distanciamento de quase duas décadas entre a publicação desse primeiro número do *Bulletin* e a promulgação da Lei n. 5692/1971, quando ocorre a redução da carga horária do ensino e a permanência de apenas uma língua estrangeira no currículo das escolas públicas – predominantemente o inglês.

Ainda que fosse possível vislumbrar naquele excerto algum interesse por parte dos especialistas de francês em questões relativas à presença do FI na educação básica, há, na materialidade do discurso, certa protelação da discussão em nome da necessidade de aprofundamento do tema. Já em 1989, quando Coracini apresenta no *Bulletin* o balanço e as perspectivas sobre o FI no Brasil, a aceitação da progressiva supressão da disciplina no meio escolar se mostrava como se já estivesse consolidada, abrindo espaço para a ocupação da nova vertente da língua no campo acadêmico:

O Francês Instrumental surgiu, no Brasil e na América Latina, de uma mudança de perspectiva da língua francesa, que perdia, pouco a pouco, por motivos econômicos e políticos, o estatuto de língua de cultura, o que se viu na prática, reforçado pela supressão progressiva do ensino do francês no 1º grau. Tal fato criou, no entanto, nos estudantes universitários, a necessidade de acesso à bibliografia de sua especialidade (no campo das ciências e da técnica). (CORACINI, 1989, n. 7, p. 13).

Os motivos econômicos e políticos aos quais a pesquisadora alude foram mais detalhados em artigo recente de Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia (2011), que avalia a presença do Francês Instrumental no Brasil desde a década de 70, bem como a sua pertinência ainda no século XXI:

¹ A revista *Elos* “*O Francês no Brasil*” – publicação da Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, com apoio do Serviço Cultural do Consulado Geral da França no Rio de Janeiro, teve seu primeiro número publicado em 1979. Em seu editorial de abertura, foram expostos os objetivos que também se traduziam no título do periódico: “Enfatizamos que esta revista [...] tem por finalidade, como seu nome indica, – Elos – servir de ligação entre professores de francês e estudiosos de um inter-relacionamento das culturas francesa e brasileira” (ELOS, 1979).

² «[...] assurer le contact entre les diverses équipes travaillant dans le domaine du FI (le problème de l’extension au 2º grau doit faire partie d’une discussion plus approfondie)».

É importante, primeiramente, situar a metodologia instrumental – assim chamada na América Latina – ou funcional, como foi intitulada na França ao ser criada no final dos anos 70. Naquela época, havia uma importante pressão política e econômica francesa para estabelecer uma cooperação técnica e científica com outros países, deixando um pouco de lado a imagem cultural e artística para mostrar que o país era, também, um centro de tecnologia e ciência. Ao mesmo tempo, a França buscava fazer frente à entrada maciça do inglês no cenário internacional e lutava para reverter a situação da língua francesa, substituída nas escolas de vários países, como o Brasil, pela inglesa. (PIETRARÓIA, 2011, p. 340).

Essa reflexão confirma que, de fato, a perda do lugar para o inglês no então 2º grau já era uma realidade que foi se consolidando ao longo da década de 70, por isso discutir a extensão do francês instrumental nesse contexto poderia ser considerada tarefa complexa para o *Bulletin*. Do ponto de vista quantitativo, são poucos os estudos relacionados a esse público-alvo privilegiados no decorrer dos 16 números do periódico: destaca-se, sobretudo, a temática da leitura do francês no campo universitário.

Assim, nosso olhar sobre o periódico, com base no ciclo de vida que procuramos reconstituir, tem como bússola a observação do lugar ocupado pelo ensino instrumental nesse momento específico da história do francês como disciplina no Brasil. Tendo em vista a busca dos especialistas em FI pela ocupação do espaço acadêmico, destacaremos, a seguir, as contribuições de números do periódico para a análise temática da publicação, bem como para a repercussão desses estudos na luta por legitimidade da área ainda em nossos dias.

Análise temática do *Bulletin de Français Instrumental*

No primeiro número do *Bulletin de Français Instrumental*, datado de abril de 1988, após o já mencionado editorial, seguido do relatório do I Encontro Nacional de Francês Instrumental, há um artigo de autoria das professoras Jelssa Ciardi Avolio, Mára Lúcia Faury, Maria José Coracini e Vera Lúcia Marinelli (1988), grupo que se apresenta como “*l'équipe de Français Instrumental de la PUC/SP*”.

Tal trabalho se configura como o primeiro de uma série que arrolaria, no próprio *Bulletin*, várias abordagens pedagógicas para a leitura de textos em francês utilizados em cursos voltados a diferentes públicos daquela Instituição. Além do ponto de vista teórico, que tem sempre como referência o Caderno PUC 26, o intuito seria o de apresentar experiências pedagógicas vivenciadas ao longo do ano letivo.

Esse artigo, não só por fazer parte de uma série a ser construída ao longo do ciclo de vida do periódico, é também exemplar por nos ajudar a compreender a estrutura da maior parte dos trabalhos publicados no *Bulletin*: introdução, comentários sobre o texto a ser utilizado em classe, a sequência didática de um curso de leitura, conclusão, bibliografia e, por fim, o texto propriamente dito, com marcas da didatização (numeração de linhas à mão, por exemplo). É interessante observar que os quadros e atividades prontas são apresentados quase como um guia pedagógico pronto a ser seguido por um professor em outras realidades.

Apesar de haver a menção no primeiro editorial de Coracini (1988) à possibilidade de publicação em português e francês (e ela apresenta sempre os editoriais em português), os artigos são publicados, em sua maior parte, na língua francesa. Outra característica

importante da produção é o fato de que os textos utilizados nas propostas e relatos de experiências pedagógicas são provenientes de fontes acadêmicas (artigos, excertos de livros) ou de jornais franceses (matérias do *L'express*, *Le Figaro* e *Le Monde*, por exemplo).

Como já havíamos destacado sobre o número de abertura do periódico, as contribuições nessa ocasião são oriundas da PUC-SP, representada pela intitulada equipe de FI da instituição, bem como da Universidade de Santos, representada pela professora Gisela da Rocha e Silva Guidi, que dá autoria, ao lado de Coracini (1988), a um trabalho sobre as relações entre leitura e civilização.

Nas últimas páginas do *Bulletin*, observa-se nova trégua para a escrita em português, na coluna “*Está acontecendo*”, com uma variante “*Vai acontecer*”. Tal espaço seria reservado ao relato ou ao anúncio de eventos, congressos e novas publicações relacionadas ao Francês Instrumental. Nesse número, particularmente, o que flagramos é o histórico da presença do Francês Instrumental na Universidade de Santos e na própria PUC-SP. Essa opção poderia ser considerada como uma espécie de autopromoção do trabalho realizado por Coracini e Guidi, se não representasse, antes disso, um exemplo a ser seguido pelas demais instituições que, nos próximos números, poderiam descrever também suas experiências nessa seção, gerando a retroalimentação dos propósitos de difusão do Francês Instrumental pelo periódico.

Estabelecidas, de modo geral, as características dos textos que seriam aceitos para a publicação no periódico, tal regularidade é observada nos números de 1988. Em 1989, no editorial ainda de Coracini, além dos trabalhos que versam sobre experiências e práticas pedagógicas em FI, há o anúncio de um artigo, escrito em português, que trataria da ironia sob o ponto de vista da polifonia bakhtiniana. De autoria de Ida Lúcia Machado (1989), então professora da UFOP, observamos que a entrada desse texto e dessa filiação teórica indicam como se desenhavam os rumos dos estudos linguísticos no Brasil já naquele momento.

Ainda sobre as correntes teóricas desse grupo de pesquisadores, o *Bulletin* n° 7 traz uma revisão do estado da arte do Francês Instrumental no Brasil, por meio de artigos que apontam para as concepções sobre o ensino de língua estrangeira do período. O artigo de Maria da Conceição Passeggi (1989) destaca a passagem dos métodos áudio-orais americanos e dos métodos áudio-linguais europeus ao que denomina “resgate da língua escrita como meio de comunicação”, notadamente com o ensino instrumental desenvolvido na e para a América Latina, em fins dos anos 60.

Definindo o ensino instrumental como “metodologia centrada nas necessidades específicas do público visado”, sobretudo no que diz respeito à leitura e produção de textos de diferentes especialistas em suas áreas, Passeggi (1989, n. 7, p. 5) delimita os estudos que impulsionaram essa vertente entre nós:

A partir dos anos 70, a dimensão comunicativa da linguagem tende a tornar-se cada vez mais abrangente, graças à contribuição da sociolinguística (Labov, Hymes, Bernstein), da semântica (Halliday, Fillmore) e da pragmática (Austin, Searle). Acrescentam-se ainda os estudos realizados na Europa sobre a análise do discurso e a enunciação (Barthes, Benveniste) que fizeram avançar a reflexão teórica na abordagem da expressão escrita.

Ao conhecermos o referencial teórico que embasou a entrada do ensino instrumental de línguas (produto latino-americano) em território dominado, até então, por investigações do hemisfério norte, somos tentados a fazer a relação desse fenômeno com a luta no campo ou luta científica à que se refere Bourdieu (2004). O rumo tomado aqui era o de pesquisadores locais, mas foi precisamente delineado com base nas então últimas investigações em linguagem de além-mar. Esse movimento garantiria, de alguma forma, que a arbitragem no campo fosse consensual para o reconhecimento da nova abordagem, pois

[...] O que faz a especificidade do campo científico é aquilo sobre o que os concorrentes estão de acordo acerca dos princípios de verificação do “real”, acerca dos métodos comuns de validação de teses e de hipóteses, logo sobre o contrato tácito, inseparavelmente político e cognitivo, que funda e rege o *trabalho de objetivação*. Em consequência, aquilo que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, representações [...], mas representações realistas que se pretendem fundar numa “realidade” dotada de todos os meios de impor seu veredito mediante o arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e coletivamente empregados, sob a imposição das disciplinas e das censuras do campo e também pela virtude invisível da orquestração dos *habitus*. (BOURDIEU, 2004, p. 33-34).

De alguma forma, o próprio *Bulletin*, ao trazer artigos como o de Passeggi (1989), que revisitam as correntes teóricas em voga, procura reafirmar a legitimidade do ensino instrumental de línguas no campo acadêmico. A posição a ser assumida é sempre a de suplantação das lacunas deixadas pelas teorias estruturalistas, por meio de conceitos fundados na abordagem comunicativa, tais como: competência de comunicação, situação comunicativa, pragmática linguística, atos de fala, gramática do discurso.

A partir desses referenciais, aponta-se ainda o *habitus* do profissional que se insere no ensino e na pesquisa de leitura em língua estrangeira. A frequente apresentação do passo a passo para a entrada e exploração dos textos em francês, por exemplo, torna latente certa preocupação de que todos os adeptos a essa linha representem seus papéis sob os auspícios de procedimentos já validados no subcampo dos estudos da linguagem.

Assim, não foge à regra o artigo de Passeggi no que tange a essa recorrente apresentação de modelos para a prática do francês instrumental. Após a delimitação do quadro teórico, a professora não se priva tampouco de apresentar como tratava na UFRN cada um dos momentos para o ensino de leitura naquela língua:

Na prática de sala de aula, observa-se que o aluno “principiante” tende espontaneamente a supervalorizar o elemento linguístico. Embora seja um excelente leitor em língua materna, ele parece regredir para o início de sua aprendizagem da língua escrita, procedendo a uma leitura do tipo “palavra por palavra”. [...] Para evitar essa espécie de regressão, faz-se inicialmente apelo aos componentes pragmático e referencial por julgarse que são os que melhor permitem a “entrada no texto”. [...] O apelo ao componente sociocultural é um trabalho complementar àquele realizado a partir do componente referencial que frequentemente vem suplantando as dificuldades de interpretação, através do confronto de pontos de vista. [...] O terceiro componente a ser explorado é o discursivo. Os alunos são levados a partir de uma “varredura” no texto a identificar sua função, ou seja, saber se se trata de um texto informativo; narrativo, argumentativo, etc. [...] Propositadamente, o último componente a ser explorado, nos primeiros meses de aprendizagem, é o componente linguístico [...]. Logo que o aluno adquire uma certa

autonomia de “leitura global” do texto – fazendo uso de estratégias relativas a outros componentes – ele é conduzido a realizar “leituras seletivas” [...] visando à aquisição dos elementos que estruturam o texto [...], para em seguida ser capaz de praticar a “leitura integral” que lhe permitirá posteriormente desenvolver exercícios de análise, resumo, dando início à produção de textos. (PASSEGGI, 1989, p. 7-9).

No artigo seguinte, intitulado “Francês instrumental: balanço e perspectivas”, Coracini (1989) atribui à “insegurança metodológica” e ao esfacelamento de experiências em FI durante os anos 80 a necessidade demonstrada por muitas universidades brasileiras de material pronto (textos com atividades).

Após reconstituir o histórico das diferentes configurações do ensino de leitura em francês no país, a pesquisadora aponta os problemas detectados no território nacional relacionados à produção de material. Este, na configuração ideal das práticas de leitura instrumental, teria a vantagem de retirar a centralidade do método, para que cada realidade pudesse ser considerada segundo as necessidades dos diferentes grupos de alunos. A constatação, entretanto, foi oposta e agravada por outros fatores que contrastavam com o aumento da demanda de FI no Brasil:

A falta de material (revistas, jornais atuais, livros especializados), a dificuldade de preparação do material pedagógico decorrente da pouca ênfase dada à formação permanente (reciclagem, estágios, encontros...) e à pesquisa nesse campo, acrescentado ao pouco prestígio que em geral goza o FI a nível interno (qualquer um pode dar aulas de FI; o FI serve de “remédio” – paliativo numa situação de ensino precária: poucas horas / aulas, durante poucos meses não são suficientes para ensinar “realmente” o francês) constitui uma realidade que se choca com o aumento da demanda de FI, como meio de acesso à bibliografia especializada. (CORACINI, 1989, p. 17).

Ainda segundo Coracini (1989), a tentativa de integração dessas diferentes experiências se daria por meio do próprio *Bulletin* e de um projeto nacional liderado pelo programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP.

Vislumbramos nesse artigo a descrição de um cenário de necessidades e de precariedade no ensino de FI para o qual a legitimação desse grupo no campo era apresentada como necessária. Não seria em vão a tentativa de integrar, já na então fase inicial daquele projeto nacional, 14 universidades federais, uma estadual e uma particular. Os objetivos desse trabalho conjunto são sempre relacionados às práticas para o reconhecimento no meio acadêmico: divulgação de pesquisas, relatos de experiência, resenhas, eventos em torno do FI, organização de estágios, fomento a pesquisas na pós-graduação.

Encaminhando-se, na sequência, para o final de suas reflexões neste número, coincidentemente o penúltimo em que figura como organizadora do periódico, Coracini aponta a centralidade das experiências discursivas do leitor como aceno ainda tímido, mas promissor nas pesquisas e práticas relacionadas ao FI. Desse modo, às vésperas de sua despedida do *Bulletin*, indica o alcance mais longínquo do FI:

Resta lembrar que, no momento presente, o FI não mais se restringe à leitura: cursos de compreensão oral com base nos mesmos princípios metodológicos estão acontecendo. Não se limita mais ao terceiro grau: já há experiências com o primeiro e o segundo graus, com suas devidas adequações. Não se restringe mais ao trabalho com textos

especializados: artigos de revistas, jornais têm sido utilizados em sala de aula como material de leitura (a variedade de tipos de texto e de atividades tem se revelado motivadora e importante para o desenvolvimento da habilidade de leitura em francês língua estrangeira). (CORACINI, 1989, n. 7, p. 19-20).

Apresentadas essas possibilidades de encaminhamento pela pesquisadora, já no número nono, o periódico não está mais sob a sua coordenação. Assume esse lugar Jelssa Ciardi Avolio, então chefe do Departamento de Francês da PUC-SP. Apesar dessa baixa significativa, o núcleo duro não sofre mais alterações e a estrutura dos artigos permanece a mesma, sempre em torno de reflexões teóricas seguidas de propostas de atividades e/ou anexos que servem como material para os professores engajados no ensino de FI.

Ao longo dos números, vemos a confirmação do que Coracini apontara em 1989 sobre o futuro dessa área: investigações tais como a de Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (1991, nº 13), que consideravam a visada discursiva no ensino de leitura, bem como propostas de atividades, como as de Mára Lúcia Faury e Vera Lúcia Marinelli (1991, nº 13), tendo em vista o desenvolvimento de habilidades orais, por meio da exploração de documentos sonoros autênticos à moda dos textos escritos, até então predominantemente utilizados como fontes nas aulas de FI.

De alguma forma, o grupo, mesmo sem a contribuição direta de Maria José Coracini, já ensaiava a incursão na Análise do Discurso. Do I Encontro dos Representantes das Universidades que integravam o Projeto Nacional de FI, liderado por essa pesquisadora (agosto de 1990), resultou o artigo de Sophie Moirand (1991), “Analyse du discours, communication spécialisée et enseignement/apprentissage des langues”.

O texto, publicado em julho de 1991 no *Bulletin* nº 14, inicia-se com o seguinte questionamento: “A quoi sert l’Analyse du Discours dans un Projet de Français Instrumental?”. Ao longo da reflexão, Moirand (1991, n. 14, p. 4-5, tradução nossa) procura responder a essa pergunta, enumerando pontos importantes para compreender a possível relação entre a Análise do Discurso e o Francês Instrumental:

O interesse da Análise do Discurso é facilitar as classificações, determinar as categorias de textos, ordenar o conjunto de textos de que dispomos, seja ele qual for [...]. Em segundo lugar, após a classificação e a análise desse conjunto de textos, podemos ressaltar os índices sobre os quais vamos levar à reflexão os jovens. A Análise do Discurso pode, então, fornecer “chaves” para melhor observarmos os textos, sobretudo se for realizada em função das finalidades do programa. [...] Em terceiro lugar, a Análise do Discurso oferece os instrumentos que ensinam a observar os textos. Isso permite melhor conhecimento dos textos e sobretudo grande agilidade de reação diante da reação dos estudantes³.

³ « [...] l’interêt de l’Analyse du Discours c’est de faciliter les classements, de déterminer des catégories de textes, de mettre de l’ordre dans l’ensemble des textes dont on dispose, quel qu’il soit [...]. Deuxième point, si on a fait ce classement, si on a fait l’analyse de cet ensemble de textes, on peut faire ressortir les indices sur lesquels on va amener les étudiants à réfléchir. [...] L’Analyse du Discours peut donc servir à fournir des « clés » pour mieux observer les textes, surtout si elle est faite en fonction des finalités du programme. [...] Troisième point, l’Analyse du Discours donne des outils qui apprennent à observer les textes. Cela donne une meilleure connaissance de ces textes et surtout une plus grande agilité de réaction face à la réaction des étudiants ».

Ainda que sob tal perspectiva de categorização de textos, a publicação desse artigo é representativa de um aporte teórico que passa a ser explorado no *Bulletin*. Também no número 14, é apresentado o trabalho de Ida Lucia Machado (1991, nº 14) intitulado “Breves considerações sobre alguns conceitos de Ducrot”, teórico considerado imprescindível para os estudiosos da Análise do Discurso, segundo o próprio editorial do periódico, assinado por Jelssa Ciardi Avolio (1991, nº 14).

Entre os voos sobre essa corrente teórica, bem como sobre a Linguística Textual em artigos que apresentam as experiências com o FI em diferentes regiões do país, o periódico chega ao número 16, último da série do *Bulletin de Français Instrumental*. Nele, são publicados os textos apresentados durante a *Jornada de Ensino Instrumental de Línguas*, realizada na PUC-SP em dezembro de 1991. Nessa ocasião, houve a participação até então inédita de professores que trabalhavam com o ensino instrumental de alemão, francês, inglês e de português para estrangeiros.

No editorial de despedida do periódico e do Projeto Nacional de Francês Instrumental, Avolio (1991, nº 16) menciona a existência de 140 assinantes do *Bulletin* que contariam, a partir de 1992, com a publicação de um novo periódico, também oriundo da PUC-SP.

Do *Bulletin* ao FOU

Com o fim da circulação do *Bulletin de Français Instrumental*, os pesquisadores da área poderiam contar com o aparecimento da revista *Rencontres*⁴ como a continuidade daquela primeira empreitada. Em seu primeiro número, publicado em agosto de 1992, observamos que se mantém o núcleo duro do *Bulletin* – Jelssa Ciardi Avolio, Vera Lúcia Marinelli e Mára Lucia Faury, contando agora com a coordenação direta desta pesquisadora. Na apresentação que abre a série, ela ressalta os objetivos da publicação:

A revista *Rencontres* que ora apresentamos é a atual publicação do Departamento de Francês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem como objetivos apresentar a produção do *Projet Groupes de Recherches et Réflexions en Français Instrumental* bem como a de colegas que queiram relatar suas experiências, pesquisas ou reflexões sobre o francês instrumental ou sobre o ensino de línguas para fins específicos. (FAURY, 1992, n. 1, p. 1).

Acrescenta que a periodicidade da revista seria de três números ao ano, a depender da produção dos citados *Groupes de Recherches et de Réflexions en FI*. Como é possível observar pela duração da publicação na década de 90 (1992-1997), esse era ainda um

⁴ A primeira etapa de publicação da revista compreende o período entre 1992 e 1997, totalizando 7 números. Há a retomada em 2004 do mesmo título, mas essa tentativa não ultrapassa o ano de 2005, quando foi atingido o décimo número do periódico. Nessa segunda etapa, o propósito da *Rencontres* é ampliado: “Com o intuito de dar continuidade ao propósito inicial da revista *Rencontres*, trazemos de volta seu perfil, que visa incentivar a produção científica voltada para as linhas de pesquisa em língua e literatura francesas, acrescido agora de uma proposta de diálogo amplo com pesquisadores das áreas de educação, ensino, linguística e literatura, a fim de que juntos possamos refletir a respeito das interseções existentes entre essas áreas não apenas durante o exercício das prática docente, mas no estabelecimento de questões teóricas que a fundamentam” (CARMO, 2004, nº 8, p. 5). A reconstituição do ciclo de vida desse periódico parece-nos indispensável para a compreensão, sobretudo dessa mudança de rumos no segundo momento de sua publicação, entretanto não nos dedicamos a esse procedimento por delimitarmos a análise aqui proposta ao seu antecessor, o *Bulletin*.

tema do interesse dos professores de francês, mesmo que já fossem suscitadas em seu primeiro número críticas ao modo como a leitura instrumental poderia passar da dispersão à banalização de procedimentos e de lugares comuns, colocando em segundo plano a construção de sentidos dos textos:

É realmente muito importante que o texto reencontre seu lugar nos métodos e nos cursos de francês, sem se restringir ao ensino instrumental ou aos cursos avançados de línguas, mas é preciso que sua utilização e as abordagens propostas sejam coerentes e pertinentes, caso contrário, corre-se o risco de acreditar e de levar a crer que o sentido é algo de imediato e passível de ser recuperado pelo contexto, bem como pelas imagens, e que a leitura é uma atividade fácil e superficial (podendo fabricar inclusive um falso contexto). Finalmente, arrisca-se a não trabalhar no que realmente importa quando se lê um texto: a construção do sentido⁵. (PIETRARÓIA, 1992, n. 1, p. 74, tradução nossa).

Por meio da publicação do artigo “Ainda há lugar para o francês instrumental no século XXI?”, Pietraróia (2011) retoma a reflexão sobre o modo como poderiam ser consideradas as aulas de prática de leitura, objeto de interesse dos alunos ainda em nossos dias. O movimento é sempre o de ampliar as possibilidades que se apresentavam nos anos 70, levando em conta inclusive o trabalho com a produção oral em sala de aula nesse contexto:

Hoje, vários autores sugerem momentos no curso em que os alunos falem de sua compreensão, por meio de verbalizações orais, e que também estabeleçam com o grupo-classe um diálogo em que a relação como o outro seja valorizada, ou seja, que os leitores possam, cada vez mais, conhecer seus próprios mecanismos de construção de sentido na leitura, bem como suas dificuldades e suas conquistas.

Tais ponderações de 1992 e de 2011, feitas por uma professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo, são importantes para compreender a continuidade e os deslocamentos institucionais das investigações sobre práticas de leitura de textos em francês, bem como o lugar dessas pesquisas no jogo de forças do campo universitário brasileiro, do fim do século XX aos nossos dias.

Por meio desses destaques do *Bulletin* que ousamos rapidamente apresentar, é possível vislumbrar elementos de antecipação de pesquisas sobre práticas de leitura em desenvolvimento no século XXI. Da consagração na PUC-SP do Francês Instrumental, que partia de gêneros textuais variados até o acesso a textos científicos de diferentes áreas, chega-se à multiplicidade de espaços da leitura realizada na internet, fenômeno que o Centro de Línguas da USP destaca como constatação de seu grupo de pesquisadores nos últimos anos:

⁵ « Il est vraiment très important que le texte retrouve sa place dans les méthodes et les cours de français, qu'il ne soit pas restreint à l'enseignement instrumental ou aux cours avancés de langue, mais il faut que son utilisation et les approches proposées soient cohérentes et pertinentes, sinon on risque de croire et de faire croire [que le sens est quelque chose] d'immédiat et de récupérable par le contexte (quitte à fabriquer un faux contexte) ou [les] images, et que la lecture est une activité facile et superficielle. Finalement, on risque de ne pas travailler sur ce qui compte vraiment quand on lit un texte : la construction du sens ».

Assim, diante desse contexto, a mudança metodológica na concepção das atividades de leitura na USP consistiu em elaborar sequências que por sua vez privilegiavam gêneros textuais presentes em diferentes contextos de produção e suportes, tornando ainda possível ao aluno o trabalho de formulação de seus objetivos e projeto de leitura. É por isso que se recomenda não mais utilizar o nome francês instrumental e substituí-lo por “Práticas de leitura em francês”, título que nos permite inserir no programa do curso situações de leitura multimodais (Lebrun, Lacelle e Boutin, 2012) em que suportes para além do texto impresso poderiam fazer parte da sequência didática⁶. (ALBUQUERQUE-COSTA, 2015, p. 13, tradução nossa).

Tal reivindicação, que concerne também ao nome da proposta na contemporaneidade – de Francês Instrumental a Práticas de leitura em francês, pode ser considerada ainda como consolidação do lugar ocupado pela língua francesa no campo acadêmico. Os desdobramentos desse processo de legitimação, que teve nas últimas décadas do século XX a leitura como competência mediadora, ainda se fazem presentes. Em nossos dias, por exemplo, o contexto da internacionalização das universidades brasileiras trouxe para as Instituições de Ensino Superior desafios relacionados à preparação de estudantes, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras para fins específicos, particularmente para fins universitários.

Desse modo, com o intuito de atender essas demandas, não só de preparação de estudantes que partem para estudar em países francófonos, mas também de formação de professores de francês nesse contexto, os especialistas se voltam hoje para pesquisas e elaboração de cursos denominados *Français sur Objectif Universitaire* (FOU), uma declinação do *Français sur Objectifs Spécifiques* (FOS):

O FOU surge como uma declinação do FOS, com sua abordagem centrada no conhecimento aprofundado das necessidades de um público-alvo e com a perspectiva de considerar que o sucesso do projeto de integração universitária necessita do domínio linguístico em torno de situações de comunicação específica da vida universitária como um todo⁷. (MANGIANTE; PARPETTE, 2001, p. 5, tradução nossa).

A percepção de que esse é agora o espaço a ser ocupado no campo não se restringiu a ações isoladas, mas a um programa nacional consolidado em 2014 que, em meio às adversidades políticas do tempo presente, insiste em resistir. Trata-se do Programa Idiomas sem Fronteiras⁸, ao qual foram integrados especialistas em língua

⁶ «Alors, devant ce contexte, le changement méthodologique dans la conception des activités de lecture à l'USP a été celui d'élaborer des séquences qui à la fois privilégiaient des genres textuels présents dans des différents contextes de production et supports et aussi rendaient possible à l'apprenant le travail de formulation de ses objectifs et projet de lecture. C'est ainsi qu'on s'est dit de ne plus utiliser le nom français instrumental pour le remplacer par «Pratiques de lectures en français » intitulé qui nous permet d'insérer dans le programme de cours des situations de lectures multimodales (Lebrun, Lacelle et Boutin, 2012) où des supports outre que le texte imprimé pourraient faire partie de la séquence didactique».

⁷ « Le FOU apparaît bien comme une déclinaison du FOS, dans son approche centrée sur la connaissance la plus poussée des besoins d'un public ciblé, dans son parti pris de considérer que la réussite du projet d'intégration universitaire nécessite d'une maîtrise linguistique autour de situations de communication spécifiques à la vie universitaire dans son ensemble ».

⁸ Destacamos do *site* do Programa, desenvolvido pelo MEC e pela CAPES, a descrição da empreitada: “O Programa *Idiomas sem Fronteiras (IsF)* foi elaborado com o objetivo de proporcionar oportunidades de acesso ao estudo dos idiomas estrangeiros para a comunidade acadêmica como base estruturante do processo de internacionalização das universidades brasileiras. Para atender tal demanda, suas ações incluem

francesa das instituições federais de ensino, para a formação, elaboração e oferta dos cursos FOU.

Não é nosso intuito debruçarmo-nos sobre as décadas que separam o FI do FOU, contudo, acreditamos ser bem pertinente a comparação a seguir para a compreensão da permanente atualização do processo de legitimação da língua no meio acadêmico: assim como em fins dos anos 80 Coracini encetou a integração dos profissionais de francês, por meio de um projeto nacional e do *Bulletin de Français Instrumental* aqui estudado, vemos em nossos dias novo projeto de integração de especialistas da área em torno do FOU, com novos atores, mas a mesma busca pela ocupação do espaço e pela constituição da história da disciplina, agora no contexto da mobilidade internacional – a nova regra do jogo para as lutas e disputas de poder no campo universitário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE-COSTA, H. Des cours de français sur objectifs spécifiques en milieu universitaire : du Français Instrumental (FI) au Français sur Objectif Universitaire (FOU) à l'École Polytechnique de l'Université de São Paulo (USP). *Synergies Argentine*, La Plata (Argentina), n. 3, p. 11-23, 2015.

AVOLIO, J. C. Editorial. *Bulletin de Français Instrumental*. São Paulo, n. 14, p. 1-2, 1991.

_____. Editorial. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 16, p. 1-2, 1991.

CARMO, M. S. S. M. Editorial. *Rencontres*: revista do Departamento de Francês da PUC São Paulo, São Paulo, n. 8, p. 3-6, 2004.

CARMO, M. S. S. M.; CORACINI, M. J.; FAURY, M. L.; MARINIELLI, V. L. Variations sur le même texte: expériences en cours de Français Instrumental. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 1, p. 9-15, 1988.

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. p. 89-94.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional: as Revistas de Ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul./dez. 1996.

CHERVEL, A. L'Histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherche. *Histoire de l'éducation*, Paris: Service d'histoire de l'éducation – INRP, n. 38, p. 59-119, mai. 1988.

CORACINI, M. J. (Org.). *Ensino Instrumental de Línguas*. São Paulo: EDUC – Série Cadernos PUC 26, 1987.

_____. Editorial. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 1, p. 1-3, 1988.

a oferta de cursos a distância e cursos presenciais, além da aplicação de testes de proficiência”. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

_____. Francês Instrumental: balanço e perspectivas. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo: n. 7, p. 13-20, 1989.

CORACINI, M. J.; GUIDI, G. R. S. La lecture tournée vers la civilisation. *Bulletin de Français Instrumental*. São Paulo, n. 1, p. 17-26, 1988.

FAURY, M. L. Apresentação. *Rencontres*. São Paulo, n. 1, p. 1, 1992.

FAURY, M. L.; MARINELLI, V. L. Les documents sonores authentiques en classe de FLE: quelle approche? Quels résultats? *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 13, p. 25-34, 1991.

LIMONGI, F. P. Marxismo, nacionalismo e cultura: Caio Prado Jr. e a Revista Brasiliense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 27-46, 1987.

MACHADO, I. L. A ironia: um caso de polifonia. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 5, p. 35-43, 1989.

_____. Breves considerações sobre alguns conceitos de Ducrot. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 14, p. 11-22, 1991.

MANGIANTE, J.-M.; PARPETTE, C. *Le français sur objectif universitaire*. Fontaine (França): Presses Universitaires de Grenoble, 2001.

MOIRAND, S. À quoi peut servir l'analyse de discours dans un Projet National de Français Instrumental. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 14, p. 4-5, 1991.

PASSEGGI, M. C. O ensino instrumental de línguas estrangeiras. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 7, p. 3-11, 1989.

PIETRARÓIA, C. M. C. Dispersion et Banalisation du Français Instrumental: *Rencontres*, São Paulo, n. 1, p. 69-74, 1992.

_____. Ainda há lugar para o francês instrumental no século XXI? In: DAHLET, V. B. (Org.). *Ciências da linguagem e didática das línguas*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2011. p. 339-350.

REVISTA ELOS. *O Francês no Brasil*. Rio de Janeiro: n. 1, p. 1, 1979.

SILVA, M. C. P. S. A interface didático/científico no texto acadêmico. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 13, p. 14-24, 1991.

SOUCHON, M. Compte-rendu de la réunion du 18 novembre 1987 à l'Unicamp. *Bulletin de Français Instrumental*, São Paulo, n. 1, p. 7, 1988.

Recebido em: 27/08/2017

Aprovado em: 23/10/2017